

O VATICANO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O FILME AMÉM: CONTRASTANDO NARRATIVAS DA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA E DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA

Rogerio Makino¹

RESUMO: A atuação do Vaticano – especialmente de seu líder, o Papa Pio XII – no contexto da Segunda Guerra Mundial e do Nazismo é objeto de controvérsias. O objetivo da pesquisa é comparar as narrativas da produção escrita – especialmente a historiográfica – e a cinematográfica do filme *Amém*, analisando como esse personagem é retratado, em suas relações com judeus e nazistas, e se é destacada a sua liderança política ou a espiritual. A pesquisa foi feita por meio de revisão bibliográfica em periódicos de livre acesso, identificando-se e analisando as obras de referência sobre esse tema, e por meio da observação e análise do filme mencionado. Identificou-se que a produção escrita é muito variada: há obras que descrevem Pio XII como “o papa de Hitler” e outras “como o salvador dos judeus”. As obras mais metódicas e de base factual parecem fazer descrições que fogem desses extremos. O filme, por sua vez, prefere usar a estratégia de apresentá-lo de forma relativamente ambígua. O ponto de convergência nas narrativas da produção escrita e do filme *Amém* é que elas privilegiam o aspecto da liderança política do papa e o cálculo custo-benefício de suas ações.

Palavras-chave: Vaticano; Papa Pio XII; filme “Amém”; narrativa

Abstract: The role of Vatican in the context of the World War II and the Nazism – with special attention to its leader, Pope Pius XII – is controversial. The goal of this research is to compare the narratives of written production – focusing on historiographic works – and the movie *Amen*, analyzing how the character is portrayed concerning his relations with jews and nazis, and its spiritual and political leadership. This research was based on bibliographical review of opensource journals, especially the most cited ones, and analyzing the movie “Amen.”. The written production was heterogeneous: some describes Pius XII as Hitler’s Pope and others as a Jew’s saviour. The most scientific works avoid these extreme interpretations. On the other hand, the movie presents ambiguity. The convergent point between written production and the movie is that both emphasizes the Pope’s political leadership and how he calculated his actions.

Keywords: Vatican; Pope Pius XII; movie “Amen.”; narrative

INTRODUÇÃO

Criado oficialmente pelo Tratado de Latrão, em 1929, em um acordo entre o Papa Pio XI e o então primeiro-ministro italiano Benito Mussolini, o Vaticano é o menor Estado soberano do mundo². Nesse momento, colocava-se fim à Questão Romana – uma profunda

¹Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: makinotga@gmail.com

² Aqui se define Estado em termos weberianos, ou seja, organização política-social que detém o monopólio legítimo da força (soberana) sobre determinado território.

insatisfação que a Igreja Católica tinha em relação ao Estado Italiano que havia anexado territórios outrora pertencentes a Ela durante a Unificação da Itália no século XIX.

O Vaticano é um caso peculiar, pois é ao mesmo tempo um Estado e a sede da alta hierarquia da Igreja Católica. Essa dupla natureza de Estado soberano e de autoridade eclesiástica pode gerar tensões internas e, conseqüentemente, na linha de ação do Vaticano. Mais especificamente, como Estado, o Vaticano busca preservar a sua soberania e a sua sobrevivência no sistema internacional e, como representante-mor da fé católica, não pode contrariar os ensinamentos cristãos. No entanto, como já demonstrava Nicolau Maquiavel, a moral política nem sempre combina com outros tipos de moral.

Nesse sentido, um tema polêmico, no qual pode ser observada essa tensão gerada pela dupla natureza do Vaticano, é o seu posicionamento em relação à Alemanha (e ao seu líder, Adolf Hitler), durante a Segunda Guerra Mundial. No senso comum, algumas pessoas acusam a negligência do Vaticano diante do horror do regime nazista e outras alegam o realismo e pragmatismo do menor Estado do mundo diante de uma grande potência bélica. Essa controvérsia existe mesmo no campo da História acadêmica, mas também já foi apresentada no mundo cinematográfico, estando no enredo principal do filme *Amém*, de Costa-Gravas, de 2002.

Para além dos círculos acadêmicos, o imaginário coletivo é fortemente influenciado pelas narrativas criadas pela produção audiovisual. Essa, muitas vezes, toma ampla liberdade poética de introduzir elementos ficcionais, excluir alguns fatos, alterar ordem dos eventos ou induzir anacronismos para tornar a obra mais atraente para o grande público e incrementar os ganhos de bilheteria.

O objetivo da presente pesquisa, de caráter exploratório, é esboçar uma comparação entre as narrativas *mainstream* da historiografia acadêmica e a narrativa do filme *Amém*, de 2002, observando se elas ressaltam a lógica do realismo político de sobrevivência estatal ou a lógica de referência exemplar de ética religiosa. Em outros termos, busca-se observar se se sobressai nessas narrativas o Vaticano político-estatal ou o Vaticano ético-religioso.

O título desse trabalho fala em “produção historiográfica”, porque a pesquisa é construída principalmente com base em resenhas e artigos de periódicos científicos-acadêmicos da área de História e Humanidades em geral. Essa produção historiográfica analisada está em diálogo com obras não acadêmicas, mas que foram *best-sellers* e tornaram-se referências comumente mencionadas nesse tema, como Hochhuth ou Cornwell.

Na primeira seção, são analisadas algumas das obras mais famosas sobre o tema – historiográficas e não historiográficas –, mas que foram escrutinadas por historiadores. Suas narrativas serão organizadas por dois critérios: (1) como posicionam o Papa Pio XII em relação ao Nazismo: simpatizante ou antipatizante; (2) se predomina a natureza de líder

político ou líder espiritual do papa em relação ao mundo católico. Na segunda seção, o filme *Amém* é resenhado de forma sucinta e analisado sob os mesmos critérios do primeiro capítulo. Na terceira, esboça-se uma comparação de alguns aspectos do filme e de algumas obras escritas sobre o tema.

A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE O VATICANO NO CONTEXTO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Muito se escreveu sobre o tema da atuação do Vaticano, especialmente de seu líder, durante a Segunda Guerra Mundial, tanto no mundo editorial não acadêmico quanto no próprio mundo acadêmico. O objetivo desse capítulo é analisar algumas dessas obras a partir de publicações acadêmicas sobre elas de acesso livre em repositórios digitais. Buscou-se dar prioridade às referências mais mencionadas na revisão de literatura preliminar.

Venâncio (2010), em sua pesquisa, propõe entender as relações entre os judeus e a Santa Sé, analisando as encíclicas expedidas pelo Papa Pio XI e pelo Papa Pio XII, nas décadas de 1930 e 1940. A encíclica é um texto importante, porque nela o líder máximo do catolicismo disserta sobre algum tema geralmente contemporâneo que aflige seus fiéis e o mundo como um todo. A autora chega à conclusão de que não há nenhuma menção direta e explícita nas encíclicas papais aos judeus ou outros grupos oprimidos pelo nazifascismo, ou condenação nominal aos regimes totalitários de direita. As críticas nas encíclicas são feitas com palavras genéricas, vagas e ambíguas. Não apenas nas encíclicas, mas nas falas públicas do papa, a ausência de crítica ao holocausto é uma das questões mais controversas.

Entre os críticos, o silêncio dos papas, especialmente Pio XII (líder da Igreja no auge do holocausto), foi interpretado das mais variadas formas, desde o suposto desconhecimento sobre os campos de concentração na Alemanha e seus domínios até de uma suposta colaboração ativa com o regime nazista. Outra interpretação frequentemente desse silêncio era a de que o papa não simpatizava com o nazismo, mas simpatizava menos com o socialismo-comunismo, de modo a esperar que o primeiro aniquilasse o segundo. Venâncio (2010, p. 21) expõe sua interpretação:

Mesmo que não seja possível comprovar definitivamente a participação ativa de outros setores da sociedade europeia das décadas de 1930 e 1940, podem-se levantar evidências da participação parcial de instituições, como a própria Igreja Católica, no extermínio dos judeus e dissidentes do nazifascismo durante a Segunda Guerra Mundial.

Pereira (2019) analisa o livro *O Papa de Hitler*, de Cornwell, uma das obras mais famosas e mais críticas em relação à atuação de Pio XII durante o nazismo. Nessa obra, a tese era a de que o papa não apenas se silenciou diante do holocausto, como também era ele

próprio antijudeu e antisemita e ajudou de alguma forma o regime de Hitler. Obras teatrais como *O Vigário*, de Rolf Hochhuth – na qual os judeus são levados da Praça de São Pedro para os campos de concentração com a complacência papal – ajudaram a popularizar essa narrativa. Ao cruzar apontamentos de outros autores sobre as inconsistências da obra de Cornwell, Pereira (2019) chega à conclusão de que o sumo pontífice buscava manter canais abertos de diálogo com a Alemanha e a Itália para tentar persuadi-los para a paz e que uma condenação pública incisiva fecharia esses canais.

Arraes (2005, p. 79), que estuda a história das relações internacionais do Vaticano, ao analisar a atuação do Papa Pio XII no aspecto como diplomático, considera-o como conservador e mais:

(...) com uma visão de doutrina e administração clerical ligada aos princípios emanados do Concílio Vaticano I, ou seja, antiliberal, antissocialista (sic), antipositivista, antidemocrático, antimodernista, centralista e a favor da infalibilidade papal.

Em outras palavras, o perfil traçado por Arraes (2005) é compatível com a interpretação de uma estratégia diplomática mais conservadora e comedida, sem declarações que pudessem provocar os regimes totalitários de direita. Ao mesmo tempo, é notável que algumas dessas características (especialmente “antiliberal” e “antissocialista”) são afins com a orientação ideológica do nazifascismo.

É válido salientar que outros historiadores-pesquisadores sérios e de referência sobre esse tema, como Dalin (2005 apud Vargas, 2008), também põem em xeque a hipótese de Pio XII ser o “papa de Hitler”, considerando isso um mito. Dalin (2005), de origem judia, argumenta que a Igreja Católica pode ter ajudado a salvar mais de 700 mil pessoas (Vargas, 2008, p. 221), citando documentos em que demonstrava a antipatia dos nazistas ao papa e a singela homenagem da primeira-ministra judia-israelense Golda Meir quando Pio XII faleceu.

Godman (2007), em seu livro *O Vaticano e Hitler*, também é crítico ao Vaticano, mas ao contrário de Cornwell busca uma base empírica documental mais ampla para apoiar seus argumentos. Entre eles, chama atenção para o fato de, por muito tempo, o Vaticano ter negado acesso à documentação oficial da época da Segunda Guerra Mundial³ - o que levantava suspeitas sobre sua atuação, especialmente pela suposta simpatia pelo regime de Hitler em seu combate ao socialismo-comunismo (lembrando que a URSS era oficialmente ateia). Mais factualmente, o autor aponta tratados assinados pela Santa Sé – questionáveis à luz de uma ética cristã – como o próprio Tratado de Latrão, negociado com um fascista

³ O Papa Francisco I anunciou que abriria os arquivos do Vaticano para consulta nesse ano de 2019.

como Mussolini ou, ainda mais grave, ao ter firmado uma Concordata (*Reichskonkordat*) com o regime nazista em 1933.⁴ Os termos da Concordata chamam atenção:

Contanto que Hitler não declare guerra à Santa Sé ou à hierarquia católica na Alemanha:

I. A Santa Sé e a hierarquia católica alemã devem abster-se de condenar o partido de Hitler.

II. Se Hitler quiser que se dissolva o Centro Católico como partido político, ele deve ser obedecido prontamente.

III. Os católicos devem ser livres para se tornarem membros do partido de Hitler, assim como os católicos da Itália são livres para se tornarem membros do Partido Fascista.

IV. Os católicos alemães devem estar igualmente livres para não se tornarem membros do partido de Hitler, desde que isso esteja sempre dos limites da lei, tal como acontece com os católicos da Itália, com respeito ao Partido Fascista. (GODMAN, 2007, p.12)

Grosso modo, isso significa que o Vaticano se comprometia a não criticar publicamente o nazismo e permitir que católicos se imiscuissem com o regime, desde que Hitler não atacasse a Santa Sé ou a alta cúpula católica.

É verdade que Godman também modula alguns argumentos. Por exemplo, ele diferencia o alto clero católico (papa e cardeais próximos) e o baixo clero (padres e bispos), apontando que o último lançou mão dos meios disponíveis para resistir e ajudar os perseguidos por Hitler, ao contrário da recalcitrância do primeiro. Além disso, situa a frágil posição do Vaticano como Estado: minúsculo, sem exército, situado dentro de Roma (governada por Mussolini, aliado de Hitler) etc. Nessas condições, o Vaticano seria facilmente varrido no mapa e, uma vez destruído, pouco ou nada poderia fazer pelos oprimidos. O silêncio e a neutralidade pública poderiam servir de escudo para que a Santa Sé atuasse informalmente contra o genocídio empreitado pelos regimes nazifascistas.

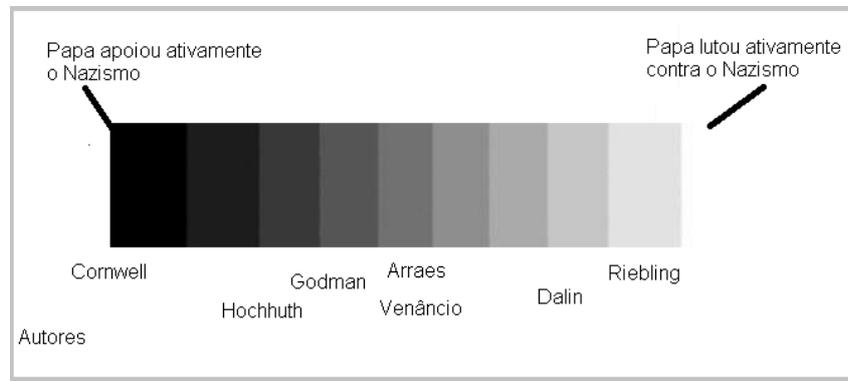
Ferrándiz (2011) também pondera que não se pode demonizar a Igreja Católica como antiética ou anticristã pelo silêncio ou inação, uma vez que as outras igrejas cristãs tiveram padrão de comportamento similar. Isso significa que o contexto e o fato de que a igreja também é composta por pessoas que têm medo de morrer deve ser levado em consideração. Nesse sentido, não se deve esquecer que as testemunhas de Jeová (grupo religioso cristão), que entraram nos radares dos nazistas, tiveram destino similar a de judeus, ciganos, homossexuais e negros.

Entre as obras mais recentes como *O papa contra Hitler*, de Mark Riebling, defende-se que o Papa Pio XII comandou um grande esquema de espionagem do regime nazista, cujas informações foram fornecidas aos Aliados, ao mesmo tempo em que se apresentava

⁴ A Concordata foi negociada por Eugenio Pacelli (futuro Pio XII), quando ele ainda era secretário do então Papa Pio XI.

como diplomático e conciliador para Hitler⁵. Não foi possível verificar com as bases factuais estudadas pelo autor para ele fazer essas afirmações.

Figura 1 – As Obras Analisadas sobre o Papa Pio XII quanto às suas Relações com o Nazismo



Fonte: Elaboração Própria

Resumidamente, pode-se dizer que as narrativas oscilam entre um colaboracionismo ativo até uma luta não armada da Santa Sé contra o nazismo. As obras mais historiográficas – metódicas e de base factual – tendem a se afastar dos dois extremos. O ponto comum entre elas, apesar da diversidade, é predominância em ressaltar o Papa Pio XII como um chefe de Estado muito mais do que líder espiritual.

AUDIOVISUAL E HISTORIOGRAFIA E A NARRATIVA DO FILME *AMÉM*

Há muitos debates acadêmicos sobre a relação entre Audiovisual e História ou sobre filmes e o ensino-aprendizado de História, como nas obras de Marc Ferro (apud MORETTIN, 2003), Marcos Napolitano (2003) e Eduardo Morettin (2003). Conforme Ferro (apud MORETTIN, 2003), há várias relações possíveis – inclusive bidirecionais – entre cinema e memória e entre cinema e história. Em uma de suas reflexões, aponta que o audiovisual tem um potencial de alcance de popularizar e tornar quase-hegemônicas versões dos eventos históricos na memória coletiva.

Nesse sentido, o filme mais popular encontrado sobre o tema da atuação da Igreja Católica no contexto da Segunda Guerra Mundial é *Amém* (*Amen.*, no original) de 2002⁶,

⁵ Isso de acordo com a sinopse oficial do livro no site da Editora Leya, porque não foi possível encontrar um exemplar do livro e nem uma resenha acadêmica confiável sobre o livro, o autor e a veracidade dos documentos privilegiados aos quais o autor alega ter tido acesso.

⁶ Originalmente, a intenção era analisar os três filmes e outros a serem encontrados. Mas a dificuldade em encontrar os filmes para serem assistidos assim como os prazos exíguos para a construção do TC não permitiram que essa ideia fosse levada a cabo.

do diretor Costa-Gavras. Há outros, como o *Shades Of Truth*⁷ de 2015, do diretor Liana Marabini, ou *Sotto il Cielo di Roma (Under the Roman Sky*, em inglês) de 2010, do diretor Christian Duguay. Os dois últimos filmes, conforme suas sinopses, tentando retratar o Papa Pio XII de forma heroica, provavelmente voltados para o público católico. Entre esses 3 filmes, o mais famoso é *Amém*.

Quadro 1 – Popularidade dos Filmes sobre Pio XII no IMDB e no YouTube

Filme	Avaliações do IMDB (em 30/09/2019)	Visualizações do Trailer no Youtube (em 30/09/2019)
Amém	12.768	212 mil
Sotto il Cielo di Roma	250	8,9 mil
Shades of Truth	0	2 mil

Fonte: Elaboração Própria com base nos dados IMDB e do YouTube

Na abertura do filme *Amém*, aparece a indicação de que o filme é baseado na obra *O Vigário* de Hochhuth, o que pode gerar a expectativa de uma narrativa crítica ao Papa Pio XII. Mas, conforme alerta Napolitano (2013, p. 11): “[o filme] é produzido dentro de um projeto artístico, cultural e de mercado – um objeto de cultura para ser consumido dentro da liberdade maior ou menor do mercado”. Um filme muito crítico ao papa poderia afastar o público católico, um contingente não desprezável de espectadores. Provavelmente por isso o filme tenta amenizar a narrativa, alternando com cenas mais favoráveis à Igreja Católica.

O primeiro conjunto de cenas refere-se à execução de pessoas com deficiência intelectual em câmaras de gás, sem o consentimento ou conhecimento de seus familiares, com o objetivo de eliminar indivíduos defeituosos e construir uma raça superior. Em seguida, a desconfiança sobre o extermínio de pessoas “improdutivas” leva um sacerdote católico a fazer um discurso muito duro contra essa prática. Isso aparentemente fez os nazistas retrocederem em suas políticas contra deficientes. É interessante notar que um dos personagens-protagonistas, o padre Riccardo Fontana, também se compadece profundamente pelos judeus. A imagem do baixo clero, preocupada com as pessoas, contrapõe-se à frieza da alta cúpula do Vaticano. Essa perspectiva é parecida com a relatada por Godman (2007), conforme descrita no capítulo anterior.

Em um segundo momento, é apresentado outro protagonista do filme, baseado em uma figura histórica real⁸, Kurt Gerstein, um especialista em química – em purificação de

⁷ Foi encontrado outro filme com esse mesmo nome, disponível na Netflix, referindo-se ao caso de crianças desaparecidas em Israel.

⁸ Antes de se suicidar, Gerstein escreveu um livro de memórias. Não foi possível encontrar uma cópia dessa obra.

água e dedetização – muito religioso, que é elevado a oficial da SS, o temido grupo paramilitar dos nazistas. Ele acaba sendo uma das poucas pessoas que têm acesso privilegiado às informações do que ocorria de fato nos campos de concentração. Gerstein tem uma crise de consciência e acredita que, se Pio XII fosse alertado sobre o que está realmente ocorrendo, poderia interferir e ajudar a salvar os judeus. Como ele próprio não consegue levar essas informações ao papa, conhece o padre Riccardo, que o ajuda.

Em um dos trechos mais marcantes do filme, correspondente ao ápice da peça teatral de Hochhuth, as autoridades do Vaticano são alertadas que judeus próximos à Basílica de São Pedro estavam sendo levados pelos nazistas (cena matizada por outras nas quais conventos e mosteiros abrigam judeus para que esses se escondam). O padre Riccardo fica extremamente preocupado com a situação, mas o Cardeal diz que vai tratar diplomaticamente com o embaixador da Alemanha, cena que o padre observa atentamente. De fato, o Cardeal é extremamente duro com o representante alemão, tentando persuadi-lo de todas as formas para que cessem as capturas no território do Vaticano, inclusive por meio de ameaças retoricamente muito bem construídas.

Em seguida, o próprio padre Riccardo tenta levar o caso a Pio XII e implorar por sua intercessão, mas o Santo Padre argumenta que aquele não era o momento oportuno, pois se o fizesse, poderia comprometer a construção de uma proposta de paz e o fim da guerra. Riccardo, decepcionado, coloca um broche da Estrela de Davi – o que o identifica como se ele fosse judeu – e corre para as ruas. Acaba dentro de um dos trens que transporta judeus para um campo de concentração, onde posteriormente viria a morrer, mesmo tendo a chance de escapar.

Pio XII é apresentado como uma pessoa de fala serena e de movimentos lentos, blindado por cardeais e arcebispos que dificultam o acesso a ele. É contextualizado que essas pessoas controlavam a informação que chegava a ele e que havia uma crença generalizada de que o que acontecia nos campos de concentração eram apenas boatos. No entanto, ciente ou não, as falas de Pio XII revelam que suas ações eram calculadas em termos políticos.

A narrativa desse filme apresenta alguns elementos apologéticos de que parte da Igreja Católica (principalmente padres e bispos de baixa hierarquia) agiu no sentido do combate ou inconformidade em relação ao nazismo, mas também há elementos que sugerem certa frieza e apatia do alto clero católico (como tratar os campos de concentração como boatos ou enfatizar a impotência bélica do Vaticano). Esse equilíbrio de prós e contras, provavelmente resultado de um cálculo mercadológico, favorece que o filme alcance um público alvo maior do que filmes mais comprometidos com um lado da história, como no caso de *Sotto il Cielo di Roma*.

A postura da Igreja Católica é apresentada de forma não monolítica, como já mencionado. Mas, especificamente, as cenas e as falas de Pio XII privilegiam a sua atuação

diplomático-política em detrimento do aspecto religioso-espiritual. Na realidade, a atitude de não interferir na captura de judeus nas redondezas do Vaticano para não pôr em risco futuros acordos de paz é plenamente compreensível à luz de uma perspectiva maquiaveliana, mas controversa para aquele que deveria representar Jesus Cristo e dar exemplo do que é ser cristão. Para líderes de Estados laicos, esta controvérsia não existiria ou seria muito mais amena, mas esse não é o caso do Vaticano.

COMPARANDO ASPECTOS DE NARRATIVAS

A historiografia (no sentido de produção feita por historiadores profissionais) tem compromisso com o respaldo empírico e com o rigor metódico na construção de narrativas. No entanto, sua produção costuma ficar restrita a um público mais limitado. A produção audiovisual tem um potencial de alcance geralmente muito maior, está condicionada, na maioria das vezes, por uma lógica mercadológica e, mesmo quando alega ser “baseada em fatos reais” ou de inspiração histórica, comumente tem elementos ficcionais introduzidos em nome da liberdade criativa ou da licença poética. Além disso, geralmente estão condicionadas por uma lógica mercadológica e, em última instância, aspiram a tornarem-se *blockbusters*, no caso de filmes. O potencial da produção audiovisual de modelar a memória coletiva não deve ser subestimado.

Nesta seção, serão comparados os dois aspectos das narrativas historiográficas e da audiovisual: (1) como posicionam o Papa Pio XII em relação ao Nazismo: alguém que colabora, resiste ou combate; (2) se são enfatizados aspectos de líder político ou líder espiritual.

Quadro 2 - Resumo sobre o Posicionamento do Papa nas Diferentes Narrativas

Obras Escritas		Obra Audiovisual	
Autor de Obra Escrita de Referência sobre o tema	Como o Papa Pio XII é retratado em suas relações com o Nazismo? Colabora, resiste ou combate?	Filme sobre o Tema	Como o Papa Pio XII é retratado em suas relações com o Nazismo? Colabora, resiste ou combate?
Cornwell	Colabora ativamente		
Hochhuth	Colabora passivamente (conivência)		

Godman	Colabora em alguns momentos	“Amém”, de Costa-Gavras	Posição ambígua, com cena de colaboração passiva (conivência em nome de um bem maior). Poucas cenas com o papa.
Arraes	Colabora ou resiste, sempre tendo em vista a paz como objetivo de longo prazo		
Dalin	Resistiu quando possível e ajudou os judeus de forma limitada		
Riebling	Combateu, com estratégias que não o comprometessem		

Fonte: Elaboração do Autor

Nas obras escritas, há uma multiplicidade muito grande de perspectivas sobre o posicionamento do papa em relação ao nazismo e aos judeus, oscilando entre extremos – colaborando voluntariamente ou combatendo de forma quase-heroica. Vale ressaltar que a produção historiográfica, em senso estrito, afasta-se das narrativas situadas nesses extremos. No filme, há poucas cenas com o papa, ambíguas quanto às suas preferências pessoais. Nesses casos, essas preferências podem ser investigadas por meio de suas ações e falas. No clímax do filme, e em uma das poucas falas de Pio XII, para um pequeno grupo de católicos – incluso o Padre Riccardo:

Na Alemanha, na Áustria, tantos cristãos só têm a nós para manter acesa a esperança. Devemos dar-lhes outro fardo para carregar quando já sofrem bombardeios? No momento certo, intercederemos para restaurar a paz universal que reunirá todos os cristãos.⁹

No caso das falas, não há condenação direta aos nazistas e nem solidariedade aos judeus, fala-se apenas com preocupação à cristandade. Quanto às suas ações, é mais apropriado falar em inação, pois decidiu não fazer nada (o que representava a morte dos judeus capturados nas imediações do Vaticano) naquele momento. A inação é ambígua, pois pode ser interpretada como falta de amor ao próximo, mas também a estratégia de

⁹ Essa fala situa-se, mais ou menos, no 104º minuto do filme.

sobreviver para poder fazer mais pelo próximo depois. Nesse quesito, a inação do papa é apresentada de forma ambígua, provavelmente de forma intencional, pelos realizadores do filme, pois permite se defender de acusações e torna a polêmica um atrativo do filme.

Quadro 3 – Aspecto Enfatizado nas Narrativas: Líder Político ou Líder Espiritual?

Obras Escritas		Obra Audiovisual	
Autor de Obra Escrita de Referência sobre o tema	Aspecto do Papa Pio XII que se sobressai na narrativa para justificar suas ações	Filme sobre o Tema	Aspecto do Papa Pio XII que se sobressai na narrativa para justificar suas ações
Cornwell	Líder Político	Amém, de Costa-Gavras	Líder Político
Hochhuth	Líder Político		
Godman	Líder Político		
Arraes	Líder Político		
Dalin	Líder Político		
Riebling	Líder Político		

Fonte: Elaboração do Autor

No segundo critério investigado, a convergência é mais patente. Nas obras escritas dos autores investigados, sobressai-se a dimensão de liderança política. No caso do filme, Pio XII justifica sua inação por um cálculo custo-benefício, ou seja, uma lógica de pragmatismo político¹⁰ – sacrificar interesses imediatos de menor escala em nome de interesses maiores situados no médio e no longo prazo: tentar construir um acordo de paz e salvar a existência do Vaticano, o que traria o conforto no coração de milhões de católicos.

O porquê de o aspecto da liderança espiritual ter chamado menos atenção do que o da liderança política é uma questão complexa, para a qual se pode levantar algumas hipóteses. Primeira, talvez porque a tradição historiográfica, apesar dos avanços, ainda privilegie a história política ou, em termos sociológicos, o *habitus* do historiador ainda é predominantemente o do historiador político. Segunda, talvez o aspecto político seja de fato mais interessante, uma vez que o papado de Pio XII era conservador e de poucas inovações no campo teológico, como comenta Arraes (2005). Terceira, talvez se o papa tivesse agido de forma mais incisiva e explícita contra Hitler, a sua convicção do “ama o próximo como a ti mesmo” o tivesse revestido de maior legitimidade na sua fé e a sua liderança espiritual tivesse sido mais valorizada. Quarta, e mais profícua, os temas, tanto no mundo acadêmico

¹⁰ Os cientistas políticos também usam os termos “Realpolitik” ou “maquiaveliano” (diferente de maquiavélico) para caracterizar esse tipo de lógica.

como no cinema, parecem ser envolventes quando são polêmicos e a tensão entre os aspectos político e religioso formam um par polêmico por natureza, de modo que o aspecto espiritual não está ausente, mas sim presente, contrapondo-se e potencializando os significados do aspecto político.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o Vaticano seja um Estado e sede da Igreja Católica e o Papa tenha a dupla natureza de líder político e líder espiritual, nem sempre essas duas lideranças são plenamente compatíveis ou harmônicas. Em alguns casos, podem-se esperar posicionamentos distintos de um líder político e de um líder religioso. A polêmica é difícil de ser evitada quando essas lideranças assentam-se na mesma pessoa e um posicionamento se sobressai em detrimento de outro.

O Papa Pio XII esteve diante de um complexo dilema, inclinando-se por uma escolha política, o que lhe faz ser mais lembrado como um líder político do que como um líder espiritual. O julgamento apaixonado sobre essa escolha e sobre suas condicionantes geram descrições opostas e extremadas sobre o Sumo Pontífice, postura que não é compartilhada pela historiografia mais profissional, que tenta evitar maniqueísmos, mas esses, devido à sua lógica simplista, costumam povoar a mentalidade do senso comum.

Por fim, nem sempre as falas e as ações revelam claramente os verdadeiros sentimentos de um ser humano, menos ainda quando ele está sob condições extremas, como uma guerra, ou essas falas e ações estão carregadas de ausências, contradições e ambiguidades. O amor ou ódio por nazistas e judeus por parte de Pio XII não deixará tão cedo de ser objeto de polêmica.

REFERÊNCIAS

Filme e Minisséries:

AMÉM. Direção de Costa-Gavras. Alemanha, Romênia, França e Reino Unido. 2002. Filme. 1 DVD (132 minutos).

SHADES of Truth. Direção de Liana Marabini. Itália. 2015. Filme. 1 DVD (sem informação sobre a duração).

SOTTO il Cielo di Roma. Direção de Christian Duguay. Itália e Alemanha. 2010. Minissérie. 2 DVDs (2 episódios de 100 minutos cada).

Artigos:

ARRAES, Virgílio Caixeta. De Pio XII a Paulo VI: do conservadorismo à incerteza da renovação durante a Guerra Fria. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília-DF, v. 42, n.165, p. 77-98, jan./mar. 2005. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/239>>. Acesso em: 13 de setembro de 2019.

FERRÁNDIZ, Teresa María Mayor. El silencio de las iglesias católica y protestante ante el holocausto. **Revista de Clases Historia**, n. 12, p. 9, 2011.

GODMAN, Peter. **O Vaticano e Hitler: a condenação secreta**. Martins Fontes, 2007.

MORETTIN, Eduardo Victorio. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. **História: questões & debates**, v. 38, n. 1, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

PEREIRA, André Oliveira. **Nazismo, Igreja Católica e Pio XII: o silêncio papal conforme a obra “O Papa de Hitler”, de Cornwell**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Vitória – ES: UNIDA - Universidade Unida de Vitória, 2019.

RIEBLING, Mark. **O Papa contra Hitler**. Editora Leya, 2018.

VARGAS, José Luis Ramírez. Reseña de “El mito del Papa de Hitler: como Pio XII salvo a los judios de los nazis”, de Dalin. **Revista de Humanidades**, n. 23, p. 219-226, 2008.

VENÂNCIO, Larissa Alcântara. **Pio XII e o Holocausto: um ensaio**. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.